



A INFLUÊNCIA DA ORIENTAÇÃO MOTIVACIONAL DURANTE O TREINAMENTO DE ATLETAS INICIANTE NO TÊNIS DE CAMPO

Vinicius Barroso Hirota
Daniel Hideki Hayashi

Universidade Presbiteriana Mackenzie – Brasil

Ademir De Marco

Universidade Estadual de Campinas – Brasil

Carlos Eduardo Lopes Verardi

Universidade Estadual Paulista – Brasil

Resumo: A motivação no esporte tem sido um dos temas mais estudados nos dias de hoje, tanto que alguns autores dizem que a motivação é a base para o sucesso de um atleta, ou seja, a parte psicológica também deve ser bem estimulada para que se atinja o nível máximo de concentração durante uma partida e se consiga obter o resultado esperado. O tênis de campo é um dos esportes que mais cresceram nos últimos anos, e com essa rápida ascensão também aumentou o número de interessados em pesquisar nessa área da psicologia do esporte. O presente estudo teve como objetivo dar início à adaptação e validação da escala de interesse e analisar a influência da orientação motivacional dos atletas no desempenho esportivo no tênis de campo com a aplicação da escala Teosq – Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (DUDA, 1992), traduzido, adaptado e validado por Hirota e De Marco (2006a), onde podemos identificar se o indivíduo é orientado para Meta Tarefa ou orientado para Meta Ego. Esta pesquisa foi realizada numa academia de tênis situada na cidade de Cotia (SP), contando com a participação de 20 sujeitos com idade entre 9 e 18 anos de ambos os sexos, praticantes de tênis. Foi adotado como método estatístico o cálculo do Coeficiente *Alfa* de Cronbach, a fim de coligar a fidedignidade e a validade do instrumento, além da média de cada orientação, podendo assim verificar a orientação motivacional das atletas. Pela análise dos resultados observou-se o Coeficiente *Alfa*, valor este elevado comparado com estudos anteriores, atingindo valores de orientação para o ego de 0,90, e 0,70 de orientação para tarefa. Foram registradas as seguintes médias, 4,20 ($\pm 0,93$) e 2,42 ($\pm 0,85$), respectivamente, de orientação para tarefa e para ego. Com esses resultados podemos apontar que a escala aplicada com a proposta de identificar a orientação motivacional de atletas de tênis de campo mostrou-se eficiente e fidedigna na sua aplicação; e, de acordo com os resultados, os atletas são orientados para a tarefa, mostrando-se mais autodeterminados, autoconfiantes, mais criativos e julgam seu êxito pela qualidade do trabalho realizado.

Palavras-chave: avaliação; motivação; tênis.

INTRODUÇÃO

O tênis de campo, nos últimos anos, foi um dos esportes que mais cresceram no Brasil. Essa rápida ascensão se deve ao surgimento de grandes tenistas brasileiros entre os chamados “tops mundiais”, e dentre eles podemos citar Fernando Meligene, Flávio Saretta, Ricardo Mello. Mas quem teve maior destaque foi Gustavo Kuerten, mais conhecido como “Guga”, que, após vencer três títulos em Roland Garros e diversos Master Series, conseguiu a proeza de se tornar o primeiro brasileiro a atingir o topo do *ranking* de entradas da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP).

Por isso, uma das preocupações dos clubes e academias no esporte competitivo está relacionada com o comportamento do técnico esportivo perante a sua equipe, pois é ele quem lidera grupos de atletas e os motiva para melhorar o desempenho durante as competições. A motivação é considerada por muitos técnicos um dos fatores principais para um bom desempenho de um atleta, tanto nos treinos quanto nas competições.

Por esses motivos, essa pesquisa teve como objetivo dar início ao processo de adaptação e validação da escala Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (Teosq); posteriormente, analisar a orientação motivacional dos atletas de tênis durante os treinamentos por meio dessa escala de motivação, em que eles podem estar orientados para a Meta Tarefa ou para a Meta Ego (DUDA, 1992).

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo o American Sport Education Program (1999), o treinador é aquele que assume a responsabilidade de fazer tudo o que for possível para assegurar que os atletas passem por uma experiência agradável e segura, enquanto aprendem as técnicas do esporte.

Sendo assim, como motivar nossos atletas? Quais as expectativas e necessidades, ou até mesmo o clima desenvolvido durante o longo processo de treinamento? O que motiva nosso atleta a jogar mais e continuar a querer praticar mais, superando seus obstáculos?

Conforme Murray (1983), a motivação orienta as pessoas a realizarem as suas aspirações, persistir quando erram e sentir orgulho ao atingir seus objetivos.

Samulski (2002) destaca que a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, a qual depende de fatores internos (pessoais) e externos (ambientais). O motivo interno, ou seja, a motivação intrínseca se refere aos motivos determinados pelo sujeito; e o motivo externo, a motivação extrínseca, pode ser representado pela torcida ou simplesmente pelos companheiros de equipe. Dessa maneira, os fatores internos e externos formam uma ligação entre a conquista e o objetivo.

Verardi (2004) mostra que, a partir dos aspectos emocionais, procura-se fazer uma relação entre a ação e a vivência esportiva, tanto no seu aspecto competitivo quanto na prática, adquiridos pela experiência.

A relação esporte e motivação nos remete a algumas considerações sobre os motivos que, segundo Winterstein (2002, p. 53), classifica a teoria da motivação partindo “do pressuposto de que deve existir alguma coisa que desencadeia uma ação, que lhe dá uma direção, mantém seu curso em direção a um objetivo e a finaliza”. O mesmo autor completa esclarecendo que *motivos* são construções hipotéticas, que são aprendidas ao longo do desenvolvimento humano e servem para explicar comportamento.

Chaves (2002) considera, de acordo com a teoria cognitiva da motivação, que o comportamento é dirigido pela possibilidade de antecipar os fins a serem atingidos, e os aspectos internos são valorizados como objetivos, intenções, expectativas e planos individuais.

Seguindo os preceitos da teoria cognitiva da motivação, podemos comparar duas ideias: de orientação para tarefa e orientação para ego, definidas por Nicholls (1984).

Duda (1992) postula que existe um elo entre a orientação motivacional de um indivíduo em determinado ambiente particular e a socialização potencial de valores inerentes nesse ambiente. Assim, quando falamos que um indivíduo tem orientação para ego, algumas características são ressaltadas como individualismo e tarefas com menor grau de dificuldade; ao passo que aquele indivíduo orientado para tarefa possui algumas características como a autorreferência em relação às habilidades, ao espírito de equipe e à cooperação.

Winterstein (2002) relata que indivíduos com expectativa de êxito ou orientados para tarefa são aqueles que trabalham mais; acreditam no seu esforço; preocupam-se com a aprendizagem; são mais competitivos e persistentes; assumem responsabilidades pelos atos; possuem percepção de sua habilidade e capacidade; favorecem a capacidade para cooperar e o esforço para o domínio pessoal; são independentes. Esses indivíduos são mais criativos e inovadores; julgam seu êxito pela qualidade do seu trabalho; são otimistas; possuem mais autocontrole; aprendem mais depressa e demonstram segurança no comportamento.

Por sua vez, indivíduos com medo do fracasso ou orientados para o ego escolhem tarefas com dificuldades extremas; tarefas com desafios extremos; optam por metas abaixo dos rendimentos alcançados anteriormente; preocupam-se com a comparação de sua capacidade; atribuem seus resultados a dificuldades da tarefa ou ao acaso; são menos persistentes; demonstram capacidade superior; são mais ansiosos; não são muito persistentes; são inseguros no comportamento; possuem baixa percepção da competência; são orientados às normas sociais; são mais inseguros no comportamento; são motivados extrinsecamente; motivam-se pelo reconhecimento social; apresentam falta de autodeterminação e abandonam a atividade em caso de derrota ou fracasso (WINTERSTEIN, 2002).

Por exemplo, desempenhos prévios bem-sucedidos tendem a aumentar a expectativa de êxito e diminuir a expectativa de fracasso na mesma tarefa. É a partir desse desempenho que o indivíduo desenvolve uma ideia da dificuldade da tarefa.

Com isso, a finalidade do Teosq é avaliar as diferenças individuais em perspectiva do objetivo ajustado ao esporte, detectando se o indivíduo é determinado a ser orientado para tarefa ou orientado para ego.

Assim, o papel do técnico, segundo Bara Filho e Feijó (2000), é criar um ambiente de treinos e competições que proporcione bem-estar e alegria aos atletas, para que eles não sofram desmotivação e abandono. Os treinadores devem ter conhecimento específico das faixas etárias com as quais interagem, visando o melhor desenvolvimento do plano de treinamento e para que esse supra as necessidades de cada atleta.

METODOLOGIA

Modalidade da pesquisa

Tendo como objetivo identificar a orientação motivacional em atletas praticantes de tênis de campo, este estudo se constituiu em uma pesquisa de campo, do tipo experimental, o que, segundo Marconi e Lakatos (2006), consiste em investigação de pesquisa empírica cujo objetivo principal é o teste de hipóteses que diz respeito à relação do tipo causa-efeito. Por sua vez, poderemos coletar informações e utilizá-las no sentido de aperfeiçoar aspectos motivacionais, diante da qualidade do treinamento desenvolvido.

Amostra

A amostra foi constituída de 20 tenistas de ambos os sexos (12 homens e oito mulheres), com idade entre nove e 18 anos, que treinam, no mínimo, em duas sessões semanais numa academia de tênis na cidade de Cotia (SP). Os atletas de idade entre nove e 10 anos estão na fase de iniciação; sendo assim, há tempo médio de vivência na modalidade de oito meses. Os demais atletas de ambos os sexos apresentam tempo de prática médio de seis anos.

Instrumento

Para coleta de dados do estudo, foi utilizada a escala de motivação – Teosq (Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire) [Questionário do Esporte de Orientação para Tarefa ou Ego] – desenvolvida por Duda (1992), a qual foi traduzida, adaptada e validada por Hirota e De Marco (2006ab), permitindo identificar a orientação motivacional e verificando se sua orientação está dirigida para a Meta Tarefa ou para a Meta Ego. Na sequência, é apresentada a escala devidamente adaptada para o tênis de campo:

Eu me sinto o mais bem-sucedido no esporte quando... (T = Tarefa / E = Ego)

1. Eu sou o único habilidoso para jogar (**E1**)
2. Eu aprendo uma nova jogada e isso me faz querer jogar mais (**T1**)
3. Eu jogo melhor do que meus amigos (**E2**)
4. Os outros não jogam tão bem quanto eu (**E3**)
5. O técnico me ensina alguma coisa legal no treino (**T2**)
6. Os outros bagunçam e eu não (**E4**)
7. Treino mais e jogo melhor (**T3**)
8. Eu realmente me esforço muito no treino (**T4**)
9. Eu venço facilmente os meus amigos (**E5**)
10. Aprender coisas novas faz com que eu queira praticar e jogar mais (**T5**)
11. Eu sou o melhor (**E6**)
12. O técnico me diz que estou melhorando (**T6**)
13. Eu faço o melhor que posso (**T7**)

Procedimentos para coleta de dados

Inicialmente, foi estabelecido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com o qual os tenistas deveriam estar de acordo, assinando-o. No caso de o sujeito participante da pesquisa ser menor de 18 anos, os pais, ou responsável, deveriam estar de acordo, assinando o termo de consentimento. O segundo momento considerado foi para que os tenistas respondessem ao questionário de múltipla escolha, estruturado numa escala do tipo Likert de 5 (cinco) pontos (Teosq). O questionário foi aplicado, individualmente, para que não houvesse interferência nos resultados. Dessa forma, durante a coleta dos dados foram fornecidas a cada atleta uma caneta e uma folha contendo um questionário Teosq.

Método estatístico

O método estatístico adotado foi o cálculo do *Coefficiente Alfa de Cronbach*, por meio do qual foi realizada análise de validade interna da escala. Esse é um coeficiente de confiabilidade baseado na consistência interna dos itens dentro de um teste, além de ser um dos mais versáteis métodos. Uma característica desse coeficiente é que ele pode ser utilizado com itens que tenham várias medidas de valores, tais como teste de redação e escalas de atitudes com pontuação como: concordo fortemente, concordo etc. Além disso, o *Alfa* é provavelmente o melhor coeficiente para estimar a fidedignidade mais comumente usado nos testes padronizados (THOMAS; NELSON, 2002).

Utilizamos também para complementar o tratamento estatístico o cálculo da mediana e da média, seguido do desvio-padrão, de cada questão que compõe a escala e de cada orientação, ou seja, para Meta Tarefa e para Meta Ego, onde o valor mínimo a ser obtido em cada orientação é de 1 e o máximo é de 5 pontos.

Para essas análises, fizemos a utilização do software SPSS – DATA EDITOR (Statistical Package for the Social Science), versão 13.0 for Windows.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente coletados os dados, verificamos uma diferença, uma vez que essa pode ser estabelecida em relação ao tênis e a outros esportes. Os estudos preestabelecidos com essa escala vêm sendo aplicados em esportes coletivos, onde temos presente um número de atletas maior, e diferente em suas posturas durante o treinamento e nas competições, já que trabalham em grupo, em busca do mesmo objetivo.

No tênis de campo, a maioria das partidas é disputada individualmente, podendo algumas vezes ser disputadas em duplas, diferentemente dos esportes coletivos em que cada jogador apresenta sua posição específica.

Logo verificamos uma diferença nos resultados do *Coefficiente Alfa* obtido neste estudo. Para as questões destinadas à orientação para a Meta Ego, o resultado de *Alfa* apresenta-se altamente significativo com valor de 0,90, mostrando assim uma boa relação dos itens dessa parte da escala. Esses resultados são apresentados na Tabela 1:

Tabela 1
Resultados dos *Coefficientes Alfa* caso um dos itens seja deletado do estudo –
Orientação para Meta Ego (n: 20)

Questões de ego	<i>Alfa</i> de ego caso o item seja deletado
q1	0,87
q3	0,86
q4	0,89
q6	0,90
q9	0,87
q11	0,89
TOTAL	0,90

Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando os resultados da Tabela 1, verificamos que um dos itens que têm maior importância é a questão 3 (q3), pois se esse item fosse deletado o resultado do *Coefficiente Alfa* declinaria para 0,86, seguido das questões 1 (q1) e 9 (q9), pois sem ambas o resultado do *Coefficiente Alfa* cairia para 0,87.

Deve-se considerar que o conjunto das questões estabelece um equilíbrio e define também o resultado final dessa escala, apresentando um valor ideal do *Coefficiente Alfa*.

As demais questões analisadas são as de orientação para Meta Tarefa. Nessa parte da escala, o resultado do *Coefficiente Alfa* ficou em 0,70. A Tabela 2 apresenta os resultados de cada questão e o resultado total.

Tabela 2
Resultados dos *Coefficientes Alfa* caso um dos itens seja deletado do estudo –
Orientação para a Meta Tarefa (n: 20)

Questões de tarefa	<i>Alfa</i> de Meta Tarefa caso o item seja deletado
q2	0,65
q5	0,67
q7	0,74
q8	0,62
q10	0,60
q12	0,67
q13	0,67
TOTAL	0,70

Fonte: Dados da pesquisa.

Observando os resultados de orientação para a tarefa, verificamos que a questão 10 (q10) é determinante em relação ao *Alfa* total (0,70), pois, se o item fosse deletado, o resultado de alfa rebaixaria para 0,60.

Outros itens também apresentaram valores significativos se deletados. Dessa maneira, consideramos que essa parte da escala necessita de algumas adaptações, pelo fato de que ela foi validada para o futebol de campo, com jogadores do sexo masculino de idades de 10 a 17 anos, e nesta pesquisa foi adaptada para o tênis de campo.

Comparando os resultados de *Alfa* com outros esportes a outras adaptações, vemos que os resultados de orientação para tarefa se apresentaram mais elevados que no tênis de campo, como é o caso do futebol. Nos estudos de Hirota, Schindler e Villar (2006), em atletas do sexo feminino do futebol de campo, os resultados de *Alfa* se deram em 0,81 e 0,71 para as questões de orientação para tarefa e orientação para ego, respectivamente.

Hirota e De Marco (2006a), no primeiro processo de tradução, adaptação e validação da escala para a língua portuguesa, verificaram que o resultado de *Alfa* para a orientação para tarefa foi de 0,81, enquanto o resultado de orientação para ego foi de 0,70, resultados esses obtidos em escolas municipais de futebol, mantidas pela Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo. A mesma escala aplicada em escolas de esportes particulares obteve os valores de *Alfa* de orientação para tarefa de 0,86 e orientação para ego de 0,83 (HIROTA; DE MARCO, 2006b).

Após quatro semanas, aplicamos o reteste com uma amostra de 197 sujeitos do sexo masculino de idade entre 10 e 17 anos, jogadores das escolas públicas de esporte da mesma prefeitura, o que nos mostrou um valor de *Alfa* de orientação para tarefa de 0,84, enquanto a orientação para ego foi de 0,73.

Esse questionário foi aplicado por Duda (1992) num total de 207 estudantes universitários identificando suas afinidades em relação ao esporte. Sendo assim, foi pedido que respondessem quando se sentissem o mais bem-sucedido no esporte em que jogam com mais frequência. Duda (1992) obteve um *Coefficiente Alfa* de orientação tarefa de 0,72 e de orientação para o ego de 0,82. Em seu reteste depois de três semanas, obteve *Alfa* de 0,68 para tarefa e 0,75 para ego.

O que foi encontrado pela autora é que a orientação para tarefa é associada negativamente com fatores externos, e a decepção e a orientação para ego foram associados com a habilidade.

Newton e Duda (1993 apud DUDA; WHITEHEAD, 1998) analisaram uma amostra de adolescentes esportistas de elite e obtiveram *Alfa* de tarefa 0,78 e de ego 0,81, e avaliando jogadores de tênis, mostraram resultados de *Alfa* para tarefa de 0,73 e para ego de 0,82 (NEWTON; DUDA, 1993).

No estudo de Kim e Seong (apud DUDA; WHITEHEAD, 1998), na Coreia, em seu processo de tradução e validação da mesma escala, foram obtidos valores de *Coefficiente Alfa* de orientação para ego de 0,68 e orientação para tarefa de 0,73, tendo sido estudadas crianças e adolescentes de 12 a 18 anos.

Zahariadis e Biddle (2006) encontraram *Alfa* de tarefa 0,83 e de ego 0,86. Fernandes, Sénica e Moreira (2004), com atletas de hóquei de idade de 14 a 20 anos, obtiveram em seus estudos *Alfa* de tarefa de 0,83 e para ego de 0,78, equiparando-se aos resultados desta pesquisa.

Com relação aos resultados encontrados, podemos dizer que se equiparam aos da literatura. Os estudos realizados em diferentes países mostram uma eficiência na escala, assim como na adaptação para a língua portuguesa.

Lembramos que esse tratamento estatístico (*Coefficiente Alfa de Cronbach*) é referência para calcular e oferecer a fidedignidade ao instrumento proposto.

Outros dados analisados foram as médias obtidas com a aplicação da escala que nos revela a orientação motivacional dos atletas, ou seja, demonstra o tipo de orientação predominante nos atletas do tênis de campo.

Neste estudo com tenistas, os resultados obtidos foram:

- ✓ Resultados de média para a orientação para o ego: **2,42** ($\pm 0,85$);
- ✓ Resultados de média para a orientação para a tarefa: **4,20** ($\pm 0,93$).

Com esses resultados podemos aferir que os atletas de tênis possuem uma orientação para tarefa mais elevada, apresentando características mais positivas para seu desempenho esportivo, como acreditar em seu esforço, preocupar-se com sua aprendizagem, serem mais competitivos e persistentes, mais criativos, inovadores e otimistas.

Tabela 3
Resultados de média, mediana e moda das questões da escala Teosq

Questões	N	Média	Desvio P.	Mediana	Moda
q1 (E)	20	2,15	$\pm 0,93$	2,0	3
q2 (T)	20	4,35	$\pm 0,67$	4,0	4
q3 (E)	20	2,55	$\pm 0,88$	3,0	3
q4 (E)	20	2,30	$\pm 0,92$	2,0	2
q5 (T)	20	4,35	$\pm 0,81$	5,0	5
q6 (E)	20	2,95	$\pm 1,14$	3,0	3
q7 (T)	20	3,95	$\pm 0,88$	4,0	4
q8 (T)	20	4,00	$\pm 0,79$	4,0	4
q9 (E)	20	2,45	$\pm 0,88$	2,5	3
q10 (T)	20	4,05	$\pm 0,91$	4,0	5
q11 (E)	20	2,15	$\pm 0,81$	2,0	3
q12 (T)	20	3,90	$\pm 0,64$	4,0	4
q13 (T)	20	4,30	$\pm 0,86$	5,0	5

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com a Tabela 3, identificamos os resultados de cada questão e assim confirmamos os valores de médias totais demonstrados pelo instrumento, bem como a moda e a mediana apresentadas pela escala.

Ainda que esses valores não sejam demonstrados em outros estudos, no nosso evidenciam-se como referencial para os próximos estudos que apresentarão resultados de média.

Corroboramos com a Tabela 3 que as médias mais elevadas são as referentes às questões relacionadas à orientação para tarefa, contrapondo-se às de orientação para ego.

As médias apresentadas de orientação para ego de nosso estudo mostram-se equivalentes com a literatura (DUDA, 1992; ZAHARIADIS; BIDDLE, 2004; HIROTA; SCHINDLER; VILLAR, 2006), lembrando que existem algumas características que devem ser consideradas para essa orientação, como a escolha de tarefas com desafios extremos, opção por metas abaixo dos rendimentos alcançados anteriormente, preocupar-se com a comparação de sua capacidade, atribuir seus resultados a dificuldades da tarefa ou ao acaso e serem menos persistentes.

Um fator que deve nos preocupar é o fato da evasão esportiva, já que atletas com orientação para ego apresentam características de frustração; sendo menos persistentes, podem, após diversas tentativas erradas, não saber lidar com essa situação e abandonar o esporte.

Confrontando com a literatura, observamos que o estudo de Hirota, Schindler e Villar (2006) apresentou média de 4,19 para orientação para tarefa e média de 2,10 para orientação para ego, lembrando que nesse estudo o esporte avaliado foi o futebol, ou seja, esporte coletivo.

No estudo de Fernandes, Sênica e Moreira (2004), com atletas de hóquei e idade de 14 a 20 anos, os autores obtiveram média de orientação para tarefa de 4,24 e orientação para ego de 2,07.

Solmon e Boone (apud DUDA; WHITEHEAD, 1998), em estudo com atletas de tênis, apresentaram resultados de média de orientação para tarefa de 4,28 e média de ego de 3,05.

Newton e Duda (1993 apud DUDA; WHITEHEAD, 1998), em estudo com jogadores de tênis, mostraram resultados de média de ego de 2,75 e de orientação para tarefa de 4,21.

Verificamos com a comparação de algumas pesquisas que os valores que obtivemos com este estudo com a escala Teosq podem ser considerados consistentes.

Lembramos que os alunos com orientação para tarefa são aqueles que acreditam no seu esforço, são mais persistentes, são cooperativos, julgam o êxito pela qualidade de seu trabalho; sendo assim, são otimistas e buscam a satisfação pessoal (WINTERSTEIN, 2002).

Bara Filho e Feijó (2000) consideram que a motivação dos atletas deve ser o ponto de partida para o sucesso de um programa de treinamentos, os técnicos precisam observar quais os motivos do grupo e de cada indivíduo para a prática esportiva. Estando os atletas motivados, os treinamentos ocorrerão num ambiente de alegria, dedicação e união. Com isso, os objetivos e os resultados traçados pelos técnicos e atletas poderão ser alcançados com mais facilidade e a motivação para os treinamentos aumentará cada vez mais.

Podemos inferir que os atletas de tênis de campo que participaram do estudo apresentam nível elevado de orientação para a tarefa, superando com isso os resultados de orientação para ego, pois, analisando a média de orientação para ego e orientação para tarefa, as médias foram de 2,42 e 4,20, respectivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todos os processos, desde a coleta dos dados até as discussões, podemos perceber que este estudo é de extrema importância para a Educação Física, pois ele pode auxiliar os profissionais na identificação da orientação motivacional de seus alunos, sendo esta orientada para ego ou para tarefa (DUDA, 1992), ou medo do fracasso e expectativa de êxito (WINTERSTEIN, 2002).

O instrumento proposto para identificar a orientação motivacional para crianças e adolescentes pode ser considerado confiável e fidedigno, pois foi comparado e validado em diferentes estudos. Diante dos resultados obtidos com a média de orientação para ego ou para tarefa, consideramos que os atletas do tênis que participaram do nosso estudo têm níveis mais elevados de orientação para tarefa do que para ego, ou seja, acreditam mais em seus esforços e são mais persistentes durante a aprendizagem e o aperfeiçoamento.

Não existem muitos estudos no nosso país que explorem a motivação no esporte. O tema é ainda pouco estudado, sem instrumentos e questionários validados. Por esse motivo, é importante que profissionais se aprofundem cada vez mais nos temas que são de seu interesse, para ampliar as nossas fontes de informações.

O tênis de campo é um esporte que vem crescendo surpreendentemente no Brasil, muitos ainda têm esperança de que um dia apareça outro tenista brasileiro entre os “Top Ten” que nos traga alegria com vitórias maravilhosas e conquistas de títulos, como o alcançado pelo “Gigante Guga”.

THE MOTIVACIONAL'S ORIENTATION INFLUENCE DURING THE TENNIS ATHLETES BEGINNERS TRAINING

Abstract: The motivation in the sport has been one of the most studied subjects nowadays, as much that some authors say that the motivation is the base for the success of an athlete, that is, the psychological part must also well be stimulated so that if it reaches the maximum level of concentration during a game it will obtains the expected result. Tennis is

one of the sports that more grew in recent years, and together with this fast ascension also increased the number of interested in researching in this area of the Psychology of the Sport. The present study has as objective to begin the adaptation and validation of the interest scale and to analyze the influence of the motivational orientation of the athletes in the sportive performance of the Tennis through the application of scale Teosq – Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (DUDA, 1992), translated, adapted and validated by Hirota and De Marco (2006), where we can identify if the individual is guided for a task or an ego's goal. This research was carried through in a situated academy of Tennis in the City of Cotia – SP – Brazil, counting on the participation of 20 citizens with age between 09 and 18 years of both the practicing sexes of Tennis. The calculation of the *Alpha Coefficient of Cronbach* was adopted as statistical method, in order to identify the trust worthy and validity of the instrument beyond the average of each orientation, to be able to verify the athlete's motivational orientation. For the analysis of the results, the *Alpha Coefficient* was observed high, compared with previous studies, reaching values of orientation for the ego of 0,90, and 0,70 of orientation for task. They had been registered the following averages, 4,20 (+0,93) and 2,42 (+0,85), respectively of orientation for task and ego. With those results we can point that, the scale applied with the proposal to identify the motivational orientation of the athletes of Tennis, revealed efficiency, and trust worthy in its application, and in accordance with the results, the athletes are guided for task, revealing self-determination, self-confident, more creative and they judge its success for the quality of the carried through work.

Keywords: evaluation; motivation; tennis.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN SPORT EDUCATION PROGRAM. **Ensinando tênis para jovens**. São Paulo: Manole, 1999.
- BARA FILHO, M. G.; FEIJÓ, O. G. Psicologia desportiva aplicada a jovens atletas. **Revista de Educação Física**, n. 124, 1º semestre, p. 8-11, 2000.
- CHAVES, W. M. O clima motivacional nas aulas de Educação Física: uma abordagem sócio-cognitiva. In: CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO DA FIEP – UNIMEP, 2º SIMPÓSIO CIENTÍFICO CULTURAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES BRASIL/CUBA. 2., 2002, Piracicaba. **Coletâneas...** Piracicaba: Unimep, junho 2002, p. 116-119.
- DUDA, J. L. Motivation in sport settings: a goal perspective approach. In: ROBERTS, G. C. **Motivation in sport and exercise**. Illinois: Human Kinetics Books, 1992. p. 57-91.
- DUDA, J. L.; WHITEHEAD, J. Measurement of goal perspectives in the physical domain. In: DUDA, J. L. (Ed.). **Advances in sport and exercise psychology measurement**. Morgantown: Fitness Information Technology, 1998. p. 21-48.
- FERNANDES, H.; SÉNICA, L.; MOREIRA, M. Caracterização das atitudes desportivas e orientações motivacionais em jovens hoquistas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO DESPORTO. 2004. **Anais...** Porto, maio 2004. p. 1-5.

HIROTA, V. B.; DE MARCO, A. **Motivação para aprendizagem esportiva no futebol de campo:** um estudo com o questionário de orientação para orientação para tarefa ou ego (TEOSQ). 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física)—Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006a.

HIROTA, V. B.; DE MARCO, A. Identificação do clima motivacional em escolas públicas e particulares na aprendizagem esportiva no futebol de campo: um estudo piloto. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 20, n. 5, p. 145, 2006b.

HIROTA, V. B.; SCHINDLER, P.; VILLAR, V. Motivação em atletas universitárias do sexo feminino praticantes do futebol de campo: um estudo piloto. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, número especial, p. 135-142, 2006.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

MURRAY, E. J. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

NEWTON, M.; DUDA, J. L. Elite adolescent's athletes achievement goals and beliefs concerning success in tennis. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 15, n. 4, p. 437-448, 1993.

NICHOLLS, J. G. Achievement motivation: conceptions of ability, subjective experience, task choice, and performance. **Psychological Review**, v. 91, n. 3, p. 328-346, 1984.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. Barueri: Manole, 2002.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VERARDI, C. E. L. **Interferência dos pais e suas consequências na prática do futebol na infância e adolescência:** um estudo de caso. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física)—Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004.

WINTERSTEIN, P. J. A motivação para a atividade física e para o esporte. In: DE ROSE JUNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência:** uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 77-87.

_____. Motivação, educação e esporte. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 6, n. 1, p. 53-61, 1992.

ZAHARIADIS, P. N.; BIDDLE, S. J. H. **Goals orientation and participation motives in Physical Education and sport:** their relationships in English schoolchildren. *Athletic insight – the online Journal of Sport Psychology*, v. 2, issue 1, 2000. Disponível em: <http://www.athleticinsight.com/vol2Iss1/childrens_issue_home.htm>. Acesso em: 3 jun. 2006.

Contato

Vinicius Barroso Hirota
Avenida Mackenzie, 905, Tamboré
Barueri – SP – Brasil – CEP 06460-130
E-mail: vhirota@mackenzie.com.br

Tramitação

Recebido em 28 de maio de 2010
Aceito em 25 de agosto de 2011